

# **Estudos da Língua(gem)**

---

## **Linguagem, psicanálise e memória**

### **Cenas da memória**

Scenes of memory

**Vera POLLO\***

UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA (UVA/BRASIL)

#### **RESUMO**

Este artigo procura desenvolver o conceito e a função da memória na teoria psicanalítica, partindo da definição freudiana de sintoma histórico. Aborda inicialmente duas concepções de memória anteriores ao advento da psicanálise: a teoria da reminiscência de Platão e o conceito de repetição em Kierkegaard. Em seguida, discorre sobre relação da memória com o inconsciente, recorrendo a textos de Freud e de Lacan. Na parte final, a narrativa de um fragmento clínico permite demonstrar o retorno da memória do trauma na linguagem do sonho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lembrança. Inconsciente. Memória. Repetição. Gozo.

#### **ABSTRACT**

*This paper intends to study the concept and the activity of memory in Freud's theory, starting by Freud's definition of the hysteric symptom. It explains initially two conceptions of memory formulated before psychoanalysis*

\*Sobre a autora ver página 258.

*approach: the theory of reminiscence purposed by Plato and Kierkegaard's concept of repetition. Then it explains the connection between memory and unconscious, recalling some texts of Freud and of Lacan. In the end, the narrative of a small piece of a clinical study make possible the demonstration of the return of the memory of the trauma in dream's language.*

**KEYWORDS:** Remembrance. Unconscious. Memory. Repetition. Enjoyment.

## 1 Considerações iniciais

Entre todas as descobertas freudianas, uma das mais remotas terá sido com certeza a que ele formulou nos seguintes termos: “o elemento constante e essencial de um ataque histérico é o retorno de uma lembrança” (FREUD, [1893] 1969, p. 213). Até então não se podia admitir que os histéricos sofressem essencialmente de lembranças, menos ainda que se tratasse de lembranças com uma significação traumática e, via de regra, sexual. No entanto, rapidamente se convencionou a fórmula: “os histéricos sofrem de reminiscências”. Mas Freud identificou sem mais tardar as duas faces do sintoma histérico: uma mensagem inconsciente contida nas lembranças cifradas por meio de imagens, cenas, números e letras, e a satisfação substitutiva de uma pulsão proibida. Resumidamente: uma face símbolo, outra, satisfação, ambas indicando certo fracasso da defesa subjetiva. No vocabulário de Lacan: uma face significante, outra, gozo. Ou ainda: um modo de gozar do inconsciente mediante sua inscrição no corpo. Portanto, um corpo falante.

Com o objetivo de tecer considerações sobre a colaboração da memória na produção do sintoma histérico, indagaremos primeiramente como a memória foi concebida antes do advento da psicanálise. Pediremos a Platão e Kierkegaard que nos tragam alguma luz. Em seguida nos debruçaremos sobre o conceito de memória em psicanálise, retomando as principais elaborações de Freud sobre o tema, assim como apontamentos de Lacan. Em um terceiro momento, um fragmento de caso nos mostrará como o retorno do trauma na língua imagética do

sonho produziu importantes efeitos de retificação subjetiva. Se o interesse em desvendar a função da memória vem atravessando os séculos, de uma a outra ponta de nossa história, é que o sujeito é fruto da memória, e a memória é fruto da linguagem.

## **2 Reminiscência e repetição antecipam a descoberta psicanalítica**

No pensamento ocidental, o termo “reminiscência” remete imediatamente a Platão, impõe uma concepção metafísica das ideias e, conseqüentemente, do que se articula em termos de saber. Como observa Cavalcante de Souza (1971), em Platão, a memória não é tematizada no estilo de uma moderna exposição filosófica, pois sua teoria da reminiscência desenvolve-se no compasso de três diálogos em que a maiêutica socrática é confessadamente aplicada à composição escrita. Os três diálogos são *Mênon*, *Fédon* e *Fedro*, e deles se deduz que a reminiscência é o modo privilegiado de aquisição de saber, e sua concepção é solidária à da imortalidade da alma e da existência de um mundo mais além do sensível.

Na Apresentação que redigiu para sua própria tradução de *Mênon*, Iglésias (2001) propõe que os diálogos de Platão ordenam-se em três grupos: iniciais (também chamados da juventude ou socráticos), intermediários (ou da maturidade) e últimos (finais ou da velhice). *Mênon* se encontra entre os diálogos intermediários, liga-se ao grupo dos diálogos socráticos e, entre esses, àqueles em que se busca uma definição. Nele se busca a definição de virtude e, embora não haja menção clara à Teoria das Ideias transcendentais, Sócrates introduz no seio dessa busca elementos que revelam a crença pitagórica na imortalidade da alma, sobre a qual se apoia a Teoria da Reminiscência. Por meio da interrogação bem conduzida, a reminiscência recupera a ciência que tanto pode ter sido adquirida nessa vida, como no tempo de sempre, o tempo que abrange a existência e a não existência do homem.

*Fédon*, talvez o mais popular e mais comentado dos diálogos de Platão (RIVAUD, s/d, p. 7), é a narrativa da última conversa de Sócrates

com alguns discípulos e amigos na prisão em que estava encarcerado e no dia em que seria executado. A Teoria das Ideias ou das Formas é desenvolvida a título de uma hipótese que serviria para garantir o conhecimento e dar sentido aos fenômenos. Em Fédon se afirma que a sensação tanto pode apresentar o semelhante quanto o dessemelhante. Quando ela apresenta o que é apenas semelhante, a lembrança permite verificar que falta no percebido alguma coisa do lembrado. Portanto, se existe alguma carência de realidade, ela se encontra do lado do percebido, e não do lembrado.

Se Platão recorre ao mito, é consequência de sua indagação sobre a origem. Todo mito é mito de origem (FREUD, [1921] 1969). O mito platônico narra que, antes de nascer, a alma de cada um vivia em uma estrela onde se localizam as Ideias. Mas o impacto que a alma experimenta, quando é jogada à Terra, faz com que ela se esqueça provisoriamente do que viu. Contudo, ao ver um objeto aparecer em diferentes formas, a alma se recorda da Ideia do objeto que ela havia visto em outra dimensão. A esse processo se dá o nome de recordação ou *anamnesis*.

Em Fedro, afirma-se que todos os bens divinos são dispensados ao homem em forma de delírio. O desenvolvimento do amor se deve à reminiscência e à lembrança da beleza outrora entrevista quando a alma seguia, no céu, a trajetória dos deuses. O delírio do amor impele a alma em direção à beleza, da qual, na terra, só se podem entrever imitações. A alma decaída, ou seja, que desceu ao ciclo das gerações, comove-se diante de uma bela visão que desperta nela a lembrança da beleza. Mas a persistência e o progresso da lembrança dependem de uma contínua decisão da alma, figurada pelo mito da parelha alada. Quando os amantes estão prestes a ceder ao atrativo sexual que os aproxima, o cocheiro, que é a inteligência, retém as rédeas bruscamente e para o cavalo negro que ia precipitar-se sobre o objeto amado. O cocheiro deve controlar os impulsos contrários de dois cavalos: um brioso e dócil, que torna o amor próximo à sabedoria; outro indócil e violento, que arrasta a alma para o esquecimento no amor carnal.

Se servir de ocasião para uma opinião verdadeira (*doxa alétheia*), a lembrança remontou ao não esquecimento do que está na alma, ou seja,

do que simplesmente é. Nessa formulação reside toda a problemática da teoria, que por ela incorpora a história do mito (não a linguagem), como um recurso de inteligibilidade. (SOUZA, 1971, p. 63).

Bem mais próximo a nós, Soren Kierkegaard (1813-1855), “pai do existencialismo cristão”<sup>1</sup>, propôs que se distinguisse entre a reminiscência e a repetição, como possibilidade de separação entre o homem antigo e o moderno. Em seu livro intitulado *Gjentagelsen*, a repetição é definida como “a retomada do mesmo sob nova forma”.

Kierkegaard (1990) considerou ter feito “uma descoberta no domínio do erótico”, quando constatou que aquele que possui a feminilidade necessária à fecundação da ideia, ao escutar o mesmo, retoma-o sob nova forma. Em uma só palavra, sua ideia de repetição implica necessariamente um auditor. Para o filósofo-teólogo, que faz do amor “um dos estágios supremos da experiência subjetiva” (BADIOU, 2013, p. 16), o ponto de estancamento em toda metafísica coincide com a fonte do conflito poético.

Em suas palavras, não há amor-paixão em que não haja um mal-entendido sobre a pessoa-objeto, motivo pelo qual aquele que tenta transformar a experiência da paixão em relação real, acaba por entregar-se à trapaça eterna. Por isso ele conclui que, além de possuir um olhar erótico, é preciso não ser covarde, para que se vá em busca do auditor, um confidente ou terceiro. Resumidamente, a proposta kierkegaardiana consiste em apostar no “despertar poético” como o bom encontro do olhar erótico com a feminilidade-fecundante. Para que, então, ocorra a retomada do mesmo sob nova forma.

### **3 Ein anderer Schauplatz, uma outra cena, lugar da memória inconsciente**

Enquanto ocupava para suas pacientes o lugar da “feminilidade-fecundante” – se assim pudermos nos expressar –, Freud começava a forjar um novo conceito e, com ele, a subverter algumas formas clássicas de pensar. Logo de saída, ele declarou que as lembranças dos histéricos

---

<sup>1</sup> Marca-se assim a diferença entre a filosofia de Kierkegaard e a de Jean-Paul Sartre (1905-1980), dito “pai do existencialismo ateu.”

pareciam agir como um corpo estranho no interior do organismo, causando espasmos, dores e paralisias de significação enigmática. Essas lembranças eram narradas em forma de histórias mais ou menos dramáticas, mas também como peças tragicômicas. Freud percebeu que era como se estivessem acontecendo novamente, porém em uma outra cena, *ein anderer Schauplatz*. Na busca do termo de que adviria o conceito – *das Unbewusste*, o inconsciente –, Freud retomou nada menos do que vinte vezes em suas obras inaugurais a expressão “uma outra cena”. (LACAN, [1958] 1998, p. 555).

O conceito de inconsciente chegava para subverter, entre outras, as noções de causa, verdade e memória, em suas acepções até então clássicas. Pois as lembranças inconscientes dos sujeitos histéricos contrariavam a máxima jurídica de que “cessada a causa, cessam os efeitos”, uma vez que elas tendem a frutificar-se em efeitos corporais que perduram muito além do evento traumático supostamente original. Tais lembranças tornavam no mínimo suspeita a dicotomia mentira/verdade, ao demonstrar que esta última poderia advir de uma primeira mentira ou ficção sobre o gozo, uma *proton pseudos*.

Enquanto subjetiva, a verdade se inclina necessariamente à fuga, ela se deixa escapar em sua própria dinâmica, afirmaria Lacan em diferentes ocasiões, ainda na década de 1950. Seu movimento implica a construção-desconstrução. Não se pode dizê-la toda, porque é irmã do gozo, proporia ele alguns anos depois, no Seminário sobre o avesso da psicanálise (1969-1970). O quantificador “não-todo”, que Lacan veio a criar para ampliar a lógica proposicional e inovar o pensamento psicanalítico sobre a partilha dos sexos, aplica-se igualmente às mulheres e à verdade. Assim como uma mulher está não-toda na lógica fálica, a verdade é não-toda alcançada pelo encadeamento dos significantes. E as lembranças têm sempre algo de encobridor. São, também elas, uma recuperação não-toda do passado.

A memória, então, deixou de ser concebida como a recordação consciente do que passou, para esclarecer-se como função de uma temporalidade não cronológica, em que o desejo inconsciente torna indissociáveis, vale dizer, indistinguíveis, o passado, o presente e, até

mesmo, o futuro. E o trauma, cujo efeito só se faz sentir *nachträglich*, em um tempo posterior, escande-se minimamente em três tempos que se implicam sucessivamente: experiência  $\mapsto$  esquecimento ou recalque  $\mapsto$  lembrança ou retorno do recalcado. O efeito traumático está na dependência de um ou mais registros mnêmicos cuja significação erótico-agressiva só seria efetuada a partir da primazia fálica do complexo de castração (FREUD, [1923] 1969, p. 182).

Inicialmente os sonhos e, logo em seguida, os sintomas histéricos foram, indubitavelmente, as molas propulsoras das subversões acima mencionadas. Levaram Freud a concluir que é possível restaurar no corpo – e com o corpo – o significado primitivo de um termo ou expressão que caíra em desuso. Recordemos alguns momentos iniciais da experiência psicanalítica. Ao receber para tratamento a jovem Elisabeth Von R., Freud ([1895] 1969) se surpreende primeiramente com a expressão de *belle indifférence* que vê em seu rosto, pois ele lhe pedira que descrevesse suas dores. Até então, o destino em nada favorecera a jovem, levando-a a perder, em curto espaço de tempo, o pai, o namorado e uma irmã. O primeiro viera a falecer como resultado de uma longa doença, em que a filha desempenhou a função de enfermeira. O segundo se afastara justamente no momento terminal da doença do pai, quando a jovem, reclusa, só fazia ocupar-se deste. E a irmã também falecera, em consequência de uma gravidez que lhe era fisicamente impossível suportar. Dois anos já se haviam passado, quando Elisabeth se torna incapacitada de ficar em pé por muito tempo e de andar, apresentando dores e cansaço. Em outros termos, ela desenvolve um sintoma de astasia/abasia, que será analisado por Freud como o significado de significantes perdidos. Melhor dizendo, significantes recalcados após uma operação de censura, e que, uma vez recuperados, se enunciam como: “Agora você poderia casar com seu cunhado” e, contrariamente: “Agora você não pode mais andar, não tem mais apoio.” Em suma: uma memória que não exclui a contradição, mas funciona como “um grupo psíquico isolado por um ato de vontade que conduziu ao desvio” de ideias incompatíveis com o eu consciente do sujeito (FREUD, [1895] 1969, p. 206).

Curiosa formulação freudiana segundo a qual o sintoma histérico pode ser visto como a memória viva de uma língua morta! Uma memória feita de traços que aguardam sua recuperação em forma de cadeias significantes. Sintoma-memória que corresponde ao capítulo na história de vida do sujeito que está “marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado” (LACAN, [1953] 1998, p. 260). O que não impede a recuperação da verdade, desde que se considere que o corpo histérico equivale ao monumento, “... isto é, o núcleo histérico da neurose em que o sintoma histérico mostra a estrutura de uma linguagem e se decifra como uma inscrição que, uma vez recolhida, pode ser destruída sem perda grave” ((LACAN, [1953] 1998, p. 260).

Em pelo menos mais três diferentes ocasiões<sup>2</sup>, Freud abordou detalhadamente os impasses da memória, em suas manifestações na clínica e na vida cotidiana. Em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), ele declarou inicialmente que a psicanálise, do ponto de vista descritivo, visa exatamente preencher as lacunas de memória. Em seguida introduziu a ideia de que um ato que se repete é seguramente uma forma de recordar. Nesse caso, a recordação advém por meio do corpo falante, porém se trata de uma fala sem som, significantes que foram incorporados, mas que se isolam da cadeia dos significantes sonoramente enunciados.

No que se refere particularmente à histeria, Freud acabou concluindo que “a conhecida amnésia infantil, que teoricamente nos é tão importante, é completamente contrabalançada pelas lembranças encobridoras. Não apenas algo, mas a totalidade do que é essencial na infância foi retido nessas lembranças” (FREUD, [1914] 1969, p. 194). Um paradoxo que se apresenta com regularidade nos casos de histeria de conversão é que o desejo de esquecer cenas ou experiências é simultaneamente exitoso e fracassado, pois, embora desapareçam do registro consciente, elas permanecem eficazes sob a forma de lembranças encobridoras.

Em certo sentido, toda lembrança é encobridora, na medida em que ela é a recuperação por meio do simbólico do que foi originalmente

---

<sup>2</sup> Refiro-me aos textos “Recordar, repetir e elaborar”, 1914, “O estranho”, 1919 e “Um distúrbio de memória em Acrópole”, 1936.



do registro da vivência. Trata-se, em grande parte, da substituição do gozo pelo símbolo. As lembranças trazem consigo não mais do que um fragmento ou grão do real que foi capturado na fantasia inconsciente. A fantasia se torna ainda mais paradoxal do que a lembrança, se não levarmos em consideração que o psíquico é um aparelho cindido, onde as camadas se sobrepõem umas às outras. Freud descreveu a fantasia inconsciente como lembrança do que nunca foi esquecido, porque nunca foi consciente. Nesse sentido, a fantasia é uma lembrança-ficção cuja fixidez remete à sua função de “fixão” de gozo, palavra-valise usada por Lacan (1973) para indicar o acasalamento, na fantasia, do significante, necessariamente fictício, com a pulsão, necessariamente factícia.

O fenômeno da “compulsão à repetição” começara a se impor no seio da prática e da teoria psicanalíticas, quando Freud encontrou nele o argumento que justifica a “tão amiúde inevitável deterioração no tratamento” ([1914] 1969, p. 198). No fracasso da defesa subjetiva, o que fora recalçado retorna sob a forma de inibições, traços patológicos e sintomas. A repetição é, nesse caso, uma lembrança agida ou atuada do registro subjetivo de uma ou mais experiências traumáticas. Experiências que correspondem a ocasiões de transbordamento afetivo ou, se preferirmos, de falta de palavras para conter, reduzir e transformar o real enquanto tal.

Ao final de sua obra, quando voltou ao tema da compulsão, Freud conceituou duas classes ou tipos de efeitos do trauma: aqueles que obedecem à tendência a esquecer, as inibições e as fobias; aqueles que obedecem à tendência a lembrar, os fenômenos da compulsão à repetição do trauma. O sintoma foi, então, definido como o compromisso entre as duas tendências divergentes, resultando na característica que lhes é comum: “... são insuficientes ou de modo algum influenciados pela realidade externa, não lhe concedem atenção ou a seus representantes psíquicos, de maneira que podem facilmente entrar em oposição ativa a ambos” ([1939 [1934-38] 1969, p. 95)

Outro fenômeno que se apresentou na psicanálise como forma paradoxal de memória foi o encontro do sujeito com o duplo. Freud

o descreveu, em 1919, no artigo *Unheimlich*, que se deve traduzir por “estranho-familiar”, uma vez que, etimologicamente e originalmente, o vocábulo *Heimlich* significava tanto “familiar” quanto “estranho”, o prefixo de negação emergiu posteriormente.

Embora Freud não concordasse com a teoria de Otto Rank (1884-1939) sobre o trauma do nascimento, sobretudo em sua derivação clínica da possibilidade da interpretação precoce como forma de acelerar o processo analítico, apreciou e subscreveu seu artigo sobre o duplo. Pareceu-lhe correto afirmar que, “originalmente, o duplo era uma segurança contra a destruição do eu, uma enérgica negação do poder da morte [...] e, provavelmente, a alma imortal foi o primeiro duplo do corpo” (FREUD, [1919] 1969, p. 293). É possível projetar no campo atual e externo da visão o que não passa de “uma criação que data de um estágio muito primitivo, há muito superado” ((FREUD, [1919] 1969, p. 295). Ora, Freud nomeia esse processo de “fator da repetição da mesma coisa” ou “retorno involuntário da mesma situação” (p. 295-296), o qual evoca uma sensação de desamparo análoga à de um estado onírico.

Uma terceira e bastante significativa elaboração freudiana acerca da memória se encontra descrita em um texto de 1936, que se intitula, não por acaso, “Um distúrbio de memória em Acrópole.” Freud e seu irmão haviam saído em viagem de férias e, no meio do caminho, por sugestão de um terceiro, decidiram que iriam a Atenas, ver Acrópole. Pouco conversaram no momento que antecedeu a compra das passagens, e Freud experimentou um humor depressivo. Porém ao chegarem ao destino da viagem, ele foi tomado por um sentimento de desrealização, como se tudo aquilo não fosse real, como se o que ele estava vendo não fosse real. Decidido a interpretar sua própria vivência, ele concluiu que o fenômeno se decompunha em duas partes: quando tomara conhecimento pela primeira vez da existência da Acrópole, como lhe parecera impossível que viesse a visitá-la um dia, ele optara por negar-lhe existência; como ir a Atenas e visitar a Acrópole representava para ele um ato em que estaria indo além do pai, era necessário que este se fizesse acompanhar por um sentimento

de culpa e, conseqüente, mal-estar. O sentimento de desrealização está na dependência do passado, ou seja, do repertório de recordações e das experiências de angústia da infância.

Freud comparou sua experiência à do último rei mouro de Granada, que, no fim do século XV, recebeu cartas anunciando que Alhama, a fortaleza-chave da capital, havia sido tomada: rasgou as cartas, jogou-as ao fogo e mandou matar o mensageiro, digamos que em um esforço derradeiro para negar a realização do que até então lhe parecia ser da ordem do impossível. Nos termos de Lacan, o que acontece nesses momentos é menos um sentimento de irrealidade do que, justamente, a emergência do real, ou seja, da angústia, no seio do estado onírico em que o sujeito comumente vive. Diz-se, então, que a angústia é aquilo que não engana e que só se encontra a saída por meio da passagem ao ato (LACAN, [1962-1963] 2005, p. 88). Não inteiramente contente com suas construções, Freud colocaria uma última pedra no edifício de sua teoria da memória: a enigmática concepção de herança arcaica. Ele a considerou o laço definitivo entre a psicologia do indivíduo e a do grupo, ou da massa. Retomou a ideia do fator constitucional na gênese da neurose, mas acentuou também o caráter universal da linguagem, enquanto responsável pelas surpreendentes reações a traumas precoces. Surpreendentes por não se limitarem ao que o sujeito experimentou, ou até por divergirem largamente de suas experiências, assemelhando-se a um modelo filogenético. Em suas palavras, “a herança arcaica dos seres humanos abrange não apenas disposições, mas também um tema geral: traços de memória da experiência de gerações anteriores” (FREUD, [1939] 1969, p. 120). E, assim, ele concluiu que uma determinada lembrança passa a fazer parte da herança arcaica, se o acontecimento foi suficientemente importante ou se foi repetido com frequência. Mas o acontecimento resta como traço de memória, aguardando ser despertado “por uma repetição real e recente do acontecimento” (FREUD, [1939] 1969, p. 122).

Na experiência psicanalítica, não é raro que o sintoma-memória retorne primeiramente em forma de sonhos, cujo caráter antecipador

da fala em associação-livre foi descrito por Freud em seus artigos sobre a técnica. “Não se fica curado porque se rememora. Rememora-se porque se fica curado.” (LACAN, [1958] 1998, p. 630). Nos seminários da década de 1970, Lacan ensina que, embora a experiência psicanalítica seja essencialmente uma experiência de palavra, recuperar a memória pressupõe a passagem do oral ao escrito. É preciso passar do significante ao significado, pois um significante se ouve, mas o que se lê é significado (LACAN, [1971-1972] 1989, p. 47).

#### 4 O retorno do real retorna nas cenas do sonho

Maria<sup>3</sup>, uma mulher de cerca de quarenta e cinco anos, foi encaminhada para tratamento analítico assim que sua filha recebeu o diagnóstico de portadora de *lupus*. Ela é casada e possui ao todo quatro filhos, três adultos jovens, todos homens, e a filha caçula que adoecera, uma menina que na época tinha doze anos. A família tem poucas posses, seu marido é fotógrafo, e ela deixou de trabalhar logo após o nascimento da filha, segundo ela, muito desejada. Os primeiros meses de tratamento foram caracterizados por dois traços, que nomeei de “toques do real”<sup>4</sup>: o mau-humor e os ataques de choro. Maria não tinha o que dizer sobre o mau-humor e alegava desconhecer a razão do choro convulsivo no decorrer de algumas sessões. O choro a acometia também quando praticava o sexo com o marido. Corria para o banheiro logo após o ato, no intuito de que o marido não percebesse seu sintoma.

É interessante constatar-mos que Freud percebeu bem cedo que um ataque de choro é uma modalidade de ataque histérico, ou seja, um sintoma endereçado ao Outro da linguagem e uma paradoxal satisfação substituída da pulsão. Ele mencionou primeiramente os ataques de sono, mas, logo em seguida, acrescentou: “Ataques de vertigem e acessos de choro – tudo isso tem como alvo *uma outra pessoa* – mas, na sua maior parte, uma outra pessoa pré-histórica, que nunca é igualada por nenhuma outra

<sup>3</sup> Para maiores detalhes sobre o caso, ver: Pollo, V. **O medo que temos do corpo**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2012, p. 84-92.

<sup>4</sup> Cf. a expressão que Lacan (1973) emprega na pergunta: “Será isso [morosidade, mau-humor] um pecado, ou um verdadeiro toque do real?” **Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p. 46.

posterior” (FREUD, [1896] 1969, p. 334; grifos do autor). É igualmente interessante percebermos a insistência, em sua segunda teoria da angústia, no laço estreito entre o afeto e a linguagem, uma vez que, embora os estados afetivos sejam “precipitados de experiências traumáticas precoces”, eles só podem ser “revividos como símbolos mnêmicos” (FREUD, [1925/1924] 1969, p. 114-115). Subverte-se, assim, a ideia de que o sujeito seria levado a falar porque foi tomado de angústia ou outro afeto intenso. A linguagem tem uma estrutura que lhe é própria e um funcionamento automático que independe do sujeito, mas este lhe dá corpo, ele a incorpora e, uma vez “incorporada, a estrutura faz o afeto” (LACAN, [1970] 2003, p. 406).

Após reconstruir passagens de sua infância e de sua adolescência, Maria trouxe dois sonhos de angústia para suas sessões de análise. Eram sonhos em forma de cenas, visualmente nítidos, e lhe fazem enigma. No primeiro, ela viu o marido tendo relações sexuais com uma menina que tinha o mesmo nome de sua filha, inclusive a mesma idade, cerca de doze anos, mas não se parecia fisicamente com ela. A menina do sonho era morena como ela, Maria, e não loura como a filha. No segundo, ela viu uma menina de aproximadamente cinco anos, sentada sozinha num banco de praça, com os cabelos desgrenhados e cheios de gravetos. Parecia muito assustada. À medida que foi produzindo associações, Maria concluiu gradativamente que a criança do sonho só poderia ser ela, sentada, suja e desgrenhada, na praça da cidade em que passou a sua infância.

Em determinada noite, ela estava assistindo televisão com o marido, quando teve início um programa sobre crianças que haviam sofrido abuso sexual. Maria não suportou e se retirou da sala, motivo pelo qual o marido comentou: “Parece até que você passou por isso!”. Pouco depois, veio-lhe a lembrança de uma cena em que duas tias, irmãs de sua mãe, estavam lhe dando um banho e diziam uma à outra: ela (a mãe de Maria) nunca poderá saber. Havia sangue em suas pernas. Ela decidiu escrever uma carta para as tias, indagando a veracidade de suas lembranças, e uma delas lhe respondeu. Mas ela nunca soube ao certo o que estava escrito na carta-resposta, porque preferiu queimá-la sem que a tivesse aberto.

Contudo, o desejo de saber sobre o trauma já não podia ser novamente adormecido, e ela decidiu tomar um ônibus e indagar pessoalmente às tias o que se passara. Era como se ela quisesse, mais uma vez, que o outro, elevado à função de Outro, lhe soprasse em viva voz o saber sabido que seu próprio inconsciente lhe soprara em sonhos. Maria viveu alguns meses em frequente estado sonambúlico, sofrendo de alucinações visuais e desorientações espaciais. Por fim, saiu desse estado em que o passado retornou nas sucessivas cenas da memória, para as quais não encontramos outro nome, senão chamando-as, com Lacan (1959), de “a noite do traumatismo”.

## REFERÊNCIAS

BADIOU, A.; TRUONG, N. **Elogio ao amor**. Tradução Dorothee de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2013.

BREUER, J; FREUD, S. Estudos sobre histeria. In: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969. v. II, p. 43-369

CAVALCANTI DE SOUZA, J. A reminiscência em Platão. **Discurso**, on-line, v. 1, n. 2, p. 51-62, 1971.

FREUD, S. Extratos de documentos dirigidos a Fliess. In: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1969. v. I, p. 243-378. Edição original: 1950 [1892-1899]

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1969. v. XII, p. 191-203. Edição original: 1914.

FREUD, S. O estranho. In: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1969. v. XVII, p. 273-318. Edição original: 1919.

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego. In: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1969. v. XVIII, p. 185-215. Edição original: 1921.

FREUD, S. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1969. v. XIX, p. 179-184. Edição original: 1923.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade. In: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1969. v. XX, p. 5-198. Edição original: 1925 [1924].

FREUD, S. Um distúrbio de memória em Acrópole. In: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1969. v. XXII, p. 291-303. Edição original: 1936.

FREUD, S. Moisés e o monoteísmo: três ensaios. In: \_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1969. v. XXIV, p. 16-161. Edição original: 1939.

IGLÉSIAS, M. Apresentação do diálogo. In: **Mênnon/Platão**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2001.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 229- 324. Edição original: 1953.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 591-652. Edição original: 1958.

LACAN, J. **O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação**. Inédito. Lição de 7 de janeiro de 1959.

LACAN, J. **O Seminário, livro 10: a angústia**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor., 2005. Edição original: 1962-1963.

LACAN, J. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller [versão brasileira de Ary Roitman]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. Edição original: 1969-1970.

LACAN, J. Radiofonia. In: \_\_\_\_\_. **Outros Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 400-447. Edição original: 1970.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller [versão brasileira de M. D. Magno]; 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. Edição original: 1972-1973.

LACAN, J. **Televisão**. Versão brasileira: Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. Edição original: 1973.

LACAN, J. Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines. In : **Scilicet 6/7**. Editions du Seuil, Paris, 1976, p. 5-63.

PLATÃO. **Mênnon/Platão**; texto estabelecido por John Burnet; tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2001.

POLLO, V. Sublimação e voz. In: CARNEIRO RIBEIRO, M.A.; BARROS DA MOTA, M. (Org.). **Os destinos da pulsão: sintoma e sublimação**. Kalimeros - Escola Brasileira de Psicanálise. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997.

LACAN, J. **O medo que temos do corpo**. Rio de Janeiro: Ed. 7 Letras, 2012.

RIVAUD, A. Evolução do pensamento de Platão. In: PLATÃO. **Diálogos II. Fédon-Sofista-Político**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. p. 7-44.

*Recebido em abril de 2013.*

*Aprovado em maio de 2013.*

## **SOBRE A AUTORA**

**VERA POLLO** é mestre e doutora em Psicologia pela PUC-RJ. D.E.A. em Psychanalyse et Champ Freudien pela Université de Paris VIII, Saint-Denis; psicanalista membro da Internacional dos Fóruns e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, IF-EPFCL; professora do Programa de Mestrado e Doutorado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida-RJ. Trabalha no Setor de Psicanálise e Saúde Mental do Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente do Hospital Universitário Pedro Ernesto – Uerj. Autora de *Mulheres histéricas* (Contra-Capa, 2003) e *O medo que temos do corpo* (Ed. 7 Letras, 2012). Tema atual de pesquisa: “A função do escrito e o ato de escrita na constituição do sujeito e na experiência da psicanálise.”

E-mail: verapollo8@gmail.com.